

BRASIL - PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1908

N.º 234

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Exposição Nacional do Brasil

Quadros do pintor portuense Julio Ramos



Fim de tarde



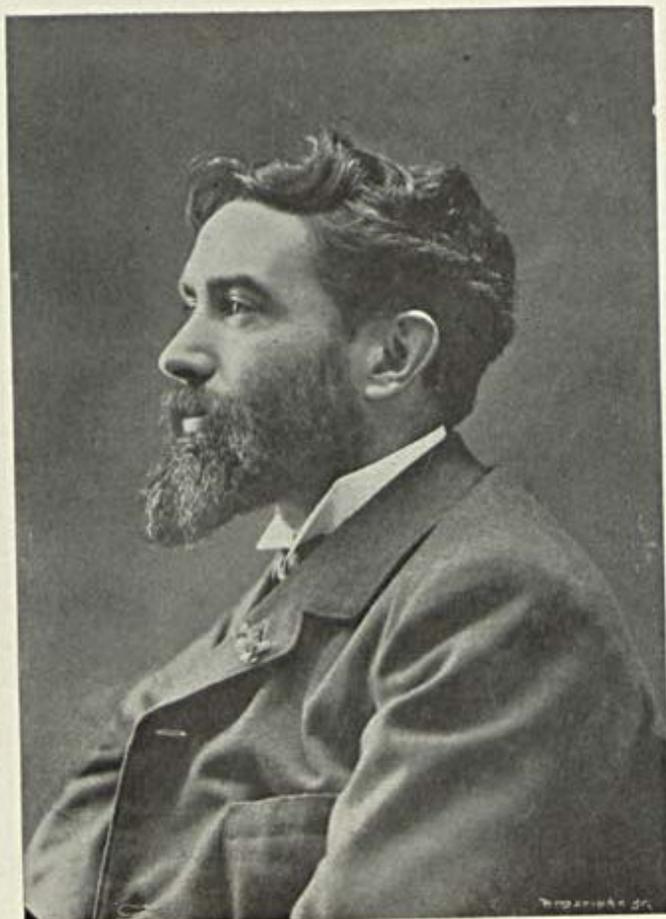
Tranquillidade

Exposição Nacional do Brasil

Quadros de Julio Ramos

São do pintor Julio Ramos, uma das glorias do Porto, pois nasceu n'esta cidade a 21 de Junho de 1868, os dois notaveis quadros cuja reproducção damos na primeira pagina d'esta Revista.

Julio Ramos frequentou os cursos de desenho, pintura, architectura e esculptura da Escola Portuense de Bellas Artes, tendo por



Julio Ramos

professores Marques de Oliveira, João Correia, Sardinha e Soares dos Reis. Ainda alumno d'esta escola o seu merecimento e esforços foram galardoados com uma menção honrosa, n'um concurso de desenho, e um premio no curso de architectura.

Aproveitando um subsidio particular Julio Ramos foi a Paris e ali estudou pintura com Paulo Laurens e Benjamin Constant cujas lições lhe foram de grande proveito.

Na Exposição do Gremio Artistico de 1898 obteve a 2.^a medalha e na Exposição Universal de Paris, em 1900, coube-lhe uma 3.^a medalha.

No Museu Municipal do Porto existe um bello quadro de Julio Ramos que a Camara Municipal adquiriu.

Os dois quadros *Fim de tarde* e *Tranquillidade*, que figuram na Exposição Nacional do Brasil são, no dizer dos entendidos, duas joias de precioso valor.

Trabalho de ourivesaria que a Associação Commercial do Rio de Janeiro tencionava offerecer a El-Rei D. Carlos por occasião da sua projectada visita áquella cidade

A nossa gravura representa um bello trabalho executado na capital do Brasil para ser offerecido ao fallecido monarcha portuguez

por occasião da sua visita ao Rio de Janeiro. E' um trabalho magnifico quanto ao pensamento que o dictou e tambem, segundo se afirma, quanto á sua execução.

E' um escudo de prata de cerca de 67 centimetros de alto por 55 de largo, contendo figuras e paineis em baixo relevo e tendo no centro, em um cartucho, as palavras:

«Memoria a el-rei D. Carlos, rei de Portugal. O Commercio Internacional do Rio de Janeiro, por iniciativa da Associação Commercial.»

Na parte superior d'este escudo acha-se um medalhão encimado pela corôa real portugueza, contendo o retrato em busto do fallecido monarcha dentro de uma moldura formada por folhas de carvalho. A' esquerda d'esse medalhão, um anjo de joelhos, tem a mão direita sobre os olhos e na esquerda uma corôa; do lado direito, palmas presas por uma fita, onde se lê o distico:

«El-rei D. Carlos I.»

Abaixo d'esse medalhão, um pequeno cartucho com as palavras do telegramma que D. Carlos I enviou á Associação Commercial pouco antes da sua morte.

De cada lado d'esse cartucho ha um medalhão, contendo, o da esquerda uma vista da bahia de Guanabaro com o Pão de Assucar ao fundo, e o da direita a vista de Lisboa com a silhueta da torre de Belem.

Abaixo d'esses medalhões, duas figuras de maiores proporções, representando a da esquerda o commercio nacional na figura de Mer-



Trabalho de ourivesaria executado no Rio de Janeiro para ser offerecido a El-Rei D. Carlos por occasião da sua projectada visita áquella cidade

curio, offertando uma corôa, e tendo junto de si uma palmeira, uma bandeira e productos symbolicos do Brasil; a figura da direita, um velho guerreiro revestido de armadura, com um elmo emplumado na mão direita e a esquerda apoiada em uma longa espada, junto a um globo, e tendo por traz uma carvalheira, representa o velho Portugal das conquistas.

Debaixo de cada uma d'essas figuras o respectivo escudo nacional.

Entre os dois escudos, outro medalhão com um leão symbolizando a monarchia portugueza dominando a sublevação anarchica.

Entre esse medalhão e o cartucho com a dedicatoria, o edificio da Associação Commercial.

O Santo Sepulchro

O peregrino que, partindo de Jaffa, atravessa as planícies de Saron, ainda ali encontrará as rosas brancas e vermelhas tão celebres na Biblia; os lyrios, as cecens, os narcisos ainda cobrem essas desertas campinas que se estendem de Gaza ao Carmelo; raro surge um sycomoro ou uma oliveira como monumentos dos tempos que foram; mas, havendo atravessado as montanhas pedregosas da Judéa, e chegando ao valle de Therebintho, o que busca Jerusalem sente que ella está proxima; a solidão, o silencio, a esterilidade, o chão nú, que nem musgo cria, são os signaes de que está vizinha a cidade que Deus largou de sua mão, depois de comettido o maior crime que homens podiam cometter.

O sangue do Filho do Homem, que restituiu a vida ao genero

res por onde se escôa o reptil, onde muitas vezes o camello entala e desmancha os pés.

Imaginae muros desmedidos, como os do Colyseu ou dos maravilhosos theatros romanos, tombados para o lado, uns junto de outros, e cobrindo com os seus enormes pannos a terra sobre que se estenderam; é este o aspecto que apresentam as cercanias da opulenta Salem, da capital de Salomão.

Quanto mais nos approximamos d'ella, mais asperas se tornam estas apparentes ruínas, e através de gargantas estreitas, abertas por entre os penedos, é que o viajante subitamente descobre os muros gothicos da cidade a que judeus, christãos e mahometanos ainda hoje chamam a Santa.

E todos os homens d'estas diferentes crenças, ao chegarem a Jerusalem, sentem uma especie de involuntario terror misturado com enthusiasmo.

Este sentimento experimentaram os guerreiros das cruzadas quando foram combater aquelles muros guarnecidos de infieis; este sentimento experimentam os pacíficos viajantes modernos. Todas

Egrejas, mosteiros e capellas



(Cliché de Benoitel).

A velha igreja dos Anjos que ha pouco começou a ser demolida

humano, esterilizou o terreno que bebeu esse mesmo sangue, deramado entre as affrontas da cruz.

«El Cods» (a Santa), nome que os turcos, senhores de Jerusalem, lhe dão, está com effeito no meio do mais horrivel ermo que existe no mundo; o sólo não é, como os areas da Arabia, uma planicie movedia e esteril, onde nada falla de gerações que ali passassem; como o oceano, onde não fica um vestigio das quilhas que o romperam; como uma selva virgem e profunda da Australia, onde ainda não resou voz humana.

Não; os arredores de Jerusalem são uma solidão mais tremenda.

O areal deserto pôde ainda ser convertido em fertes prados pela mão da sciencia; o oceano revela na sua magestade a magestade de Deus; ás selvas da Australia chegará ainda um dia a civilização; mas a Judéa estará sempre um ermo, um monumento da colera divina; e nunca tornará a ser benta essa terra a quem o Senhor chamou uma vez maldita.

De roda de Jerusalem as collinas se acurvam ou erguem, os valles rodeiam os montes, ou serpeam por entre elles, e até algumas vão salpicando aquelle territorio, e dando uma enganosa esperanza de vegetação; mas tudo é de pedra; collinas, valles e veigas; outra coisa não ha ahí que não seja lagedo branco cheio de rochas e alga-

as recordações das duas principaes religiões do mundo, o christianismo e o islamismo, se referem a Jerusalem:— a Biblia e o Alcorão tornaram bem conhecidos os patriarchas hebreus, e a terra das maravilhas, e o povo escolhido, e seus crimes, gloria e infortunios.

Sobre a moderna Jerusalem parece estender-se como um phantasma a sombra da antiga, e o vulto enorme d'aquelle templo de Salomão, de que já «não existe pedra sobre pedra», e em cujo logar está levantada a magnifica mesquita de El Sakara ou de Omar.

Até o incredulo ao chegar a Jerusalem sente resurgir dentro da alma a crença da sua infancia, e cahindo de joelhos, adora o logar onde o supplicio mais atroz foi a recompensa do Justo.

Entrando em Jerusalem, a primeira impressão produzida pelo seu aspecto exterior vae gradualmente diminuindo: embora os guias mostrem n'esta rua a casa do judeu errante, n'aquella a varanda de Pilatos; aqui a habitação de Caiphaz; alli a rua da amargura, e os «passos» pelos quaes mudou de forma a longa agonia de Jesus Christo; o aspecto moderno de tudo, e a inverosimilhança das historias que se contam, destroem as pias fraudes dos «ciceroni», que os recebem com a sinceridade da sua ignorancia, e que com a mesma sinceridade as transmittiram aos seus successores não menos ignorantes do que elles.

A moderna Jerusalem é, como todas as cidades do oriente, um composto de grandeza e de miséria: ao pé de mesquitas soberbas, de torres fortissimas, de formosos jardins, vêem-se ruas cobertas de immundicies, choupanas humildes e miseraveis, pardieiros deshabitados e bairros inteiros a par dos quaes a mais desgraçada aldeia de Portugal seria um modelo de elegancia.

Jerusalem, arrasada pelos romanos, reedificada successivamente pelos imperadores christãos, pelos serracenos, pelos conquistadores das cruzadas e pelos turcos, nada conserva da antiga Sião senão

Egrejas, mosteiros e capellas



Fachada da nova igreja dos Anjos

(Cliché de Benoliel).

o terreno sobre que está assentada a montanha d'este nome, cujo ambito a cidade occupa hoje, indicando só que a moderna Jerusalem existe onde existiu a tão celeste capital do povo de Israel.

Póde-se dizer que esta cidade, monumento de todas as crenças, nada contem importante a par do Santo Sepulchro. O logar que a tradição determinou fosse a jazida do Salvador enquanto elle se não ergueu triumphante aos céus, tem sido durante muitos seculos o alvo de milhares de peregrinações.

A posse do Sepulchro de Jesus Christo foi um dos objectos sobre que a Europa disputou largos annos com a Asia, e n'esta contenda morreram milhões de soldados.

O Tasso resumiu no ultimo verso da Jerusalem Libertada a idéa profunda e immensa, que arrojava para a Syria as nações christãs.

Godofredo tinha conquistado a cidade de Aladino, Sião pertencia ao christianismo; mas este grande feito não estava acabado: o fim principal do piedoso conquistador era adorar o Santo Sepulchro: ahi a acção findava, e ahi poz termo o poeta aos seus cantos harmoniosos:

«Adora o grão Sepulchro, e cumpre o voto».

A historia ecclesiastica e a tradição fazem remontar a edificação da basilica do Santo Sepulchro ao tempo de Constantino chamado o grande, isto é, ao IV seculo.

Contam que Helena, mãe d'aquelle imperador, descobrira o logar em que jazia enterrada debaixo de um edificio a campa que escondera por algum tempo o corpo do Redemptor: a ella tambem se deve, segundo os historiadores ecclesiasticos, a invenção da verdadeira cruz.

Helena cobriu os logares santos de templos, capellas e altares, de que hoje muito poucos ou nenhuns fragmentos existem; a mão do tempo não respeitou mais os monumentos da religião, do que costuma respeitar as memorias das humanas obras.

O templo do Santo Sepulchro, de que vamos falar com maior in-

dividuação, foi o que resistiu mais longamente á mão destruidora do tempo.

A seguinte descripção que d'esse antigo templo fazemos refere-se a 1832, anno em que a visitou o celebre Lamartine.

A igreja do Santo Sepulchro é, principalmente no exterior, um edificio vasto, construido no gosto da architectura byzantina, isto é, no gosto decadente que vogava no tempo dos imperadores christãos de Constantinopla: apesar d'isso o seu aspecto é solemne e grave se attendermos á época em que foi edificada.

Comparando-a com outras obras contemporaneas, acha-se que é superior a todas.

Santa Sophia em Constantinopla, muito mais afamada e colossal, é tambem muito mais barbara na sua forma, não passando de ser por fóra uma montanha de pedra, ladeada de collinas tambem de pedra.

O Santo Sepulchro, pelo contrario, é um zimbório elegante e esculpido, onde os graciosos contornos das portas e janellas, dos capiteis e cornijas, dão áquella grande machina notavel formosura e magestade.

Ainda que fundamentalmente esta obra pertença ao tempo de Constantino, os reis de Jerusalem na época das cruzadas a foram renovando com a architectura meio occidental e meio mourisca que então se usava no Oriente.

Debaixo do zimbório da igreja e no centro do edificio está um monumento quadrilongo, ornado com algumas pilastras e com uma cupula de marmore, tudo de mau gosto, e de traço mesquinho e extravagante.

E' este o Santo Sepulchro construido de novo em 1817 por um architecto europeu, e á custa da igreja grega, que está de posse d'elle.

Apesar de pertencer este monumento aos sacerdotes da religião grega, os guardas do templo são os turcos, que só podem abrir ou fechar o Santo Sepulchro.

Relações falsas de peregrinos os tem accusado de irreverencia aos logares sagrados dos christãos: o testemunho, não suspeito, de Lamartine, desmente esta accusação. Eis as suas palavras:

«Nada vi, no modo ou gestos dos turcos, d'essa irreverencia de que os accusam. Não entram na igreja e estão á porta: fallam aos christãos com a gravidade e respeito proprio do logar. Possuidores, por direito de conquista, do sacro monumento do christianismo, não o destroem, nem lhe soltam as cinzas ao vento; conservam-no e mantem n'elle ordenança, regularidade e silenciosa veneração, tal como não lh'a guardam as differentes communhões christãs que disputam sobre a posse d'elle.

Tratam com grande vigilancia de que a commum reliquia de todos os que chamam christãos seja conservada para o culto de todos elles.

Se não fossem os turcos, este sepulchro, sobre que porfiam os gregos, os catholicos, e innumeraveis outras ramificações do christianismo, já cem vezes teria dado motivo a rixas entre estas seitas traicoeiras e emulas, teria tocado exclusivamente, ora a uma, ora a outra, e teria, sem duvida, sido fechado a todos os inimigos da communhão dominadora.

Não vejo, pois, n'isto materia para accusar os turcos. Essa sonhada intolerancia selvagem, de que os criminam os ignorantes, não apparece senão pela tolerancia e respeito por tudo o que os outros homens veneram e adoram.

Os mulsulmanos não deixam de respeitar cousa alguma em que encontrem a idéa de Deus: podemos chamar-lhes o povo mais tolerante do mundo.

Mettam os christãos a mão na consciencia, e digam o que fariam se a sorte da guerra lhes dêsse o dominio de Meca e da Caaba. Viriam acaso os turcos de todas as regiões da Europa e da Asia, venerar ahi pacificamente os monumentos que restam do mahometismo?»



ASSUMPTOS RELIGIOSOS



A separação dos apóstolos

Uma novella

O *Rouxinol dos Alamos*, de Luiz Trigueiros, é—devo dizê-lo já sinceramente—uma das mais consoladoras obras d'arte que me tem sido dado encontrar na bibliographia portugueza de romance de ha uma duzia d'annos para cá. No meio d'uma litteratura corrompida pela delecteria influencia dos modelos que nos fornecem as civilizações que vão apodrecendo, em que as paixões ruins se lisongeiam e todos os exemplos de belleza moral se relegam para a inutilidade das coisas cuja hora de triumpho já passou, essa novellita candida e serena apparece a nossos olhos de leitores fatigados do relato das crises violentas e perversas, como um lyrio immaculadamente branco que desabrocha sobre as aguas verdes d'um paúl.

Eu tenho medo de dizer que essa novella pode ser lida por toda a gente sem offender os olhares de moça ingenua nem crear visualidades doentias em cerebro entartecido de mulher—e tenho medo,



Luiz Trigueiros

porque não quero prejudicar de nenhum modo o editor corajoso e benemerito que teve a audacia de arremessar um livro puro a um mercado, dentro do qual o nome de Julio Diniz já se não lembra entre o ruído das novas produções do auctor da *Amitié amoureuse* e dos adulterios perversos de Bourget. Mas a nenhum de nós, os admiradores ou os cúmplices d'essa corrupção litteraria que reflecte, no fim de contas, uma corrupção social já sem remedio, a leitura d'essas paginas, em que a historia d'um lyrico amor se desenrola, deixa de proporcionar os momentos de consolador conforto que, mais d'uma vez, o espirito procura perto da natureza simples e longe quanto possivel dos meios dissolutos.

O livro de Luiz Trigueiros é, quanto ao scenario em que se movem as figuras do seu conto, a obra d'um observador fiel e magnifico e, quando á psychologia d'essas figuras, a criação deliciosa d'um espirito eleito de poeta. A acção passa-se no Minho, no oleographico Minho de paysagem entenebrecida e doce,—e é bem esse lindo recanto de Portugal o que nós vemos, em seu aspecto risonho de natureza fértil e em suas usanças regionaes tão pittorescas, nas paginas sobrias e elegante d'essa novella encantadora.

Quanto ás figuras, eu desconfio de que—salvante a velhota nobre, muito conhecida de nós todos, e o prior de Santa Eulalia, digno successor d'aquelle outro que se fartou de fazer boas obras nos *Gracejos que matam*, de Camillo—ellas são um pouco mais do Eden que do Minho, dado que, como me informam bons auctores, o Minho só se nos possa afigurar paradisiaco, visto «de passagem, na imperial de uma diligencia, la muito no galarim do tejadilho, onde as môscas não se ãem a ferretor-nos a testa e a sevandijar-nos os beiços convulsos de lyrisimo.» «Ah! meu amigo!—exclama Camillo na carta a D. Antonio da Costa, que precede *O Commendador*.—Romances, tecidos de casos candidos e innocentes, apenas os fazem por aqui os passaros em abril quando urdem e afôam os seus ninhos. O restante dos animaes não oviparos vista-m'os v. ex.» no Catarro ou no estabelecimento da famosa senhora Cecilia Fernandes, da Travessa de Santa Justa, que eu lh'os farei representar ao vivo no proprio coração do Minho, entre Fafião e S. João do Kalendario, as scenas contemporaneas da fina *Baixa* e peores.» «A mulher do Minho—afirma ainda Camillo, na *Maria da Fonte*—não rege o marido nem é arbitra no governo da casa, nem na gerencia dos negocios externos. É uma besta de carga que encontrareis no transitio das feiras, vergada sob o peso dos sacos e dos baileus, enquanto os maridos endomingados se encovam nas tavernas do mereado, ganhando brios para á noite lhes quebrarem os ossos em casa, exercicio auxiliar á digestão do seu verde. Quanto a venerarem o vigario as mulheres, dá-se o caso de o venerarem a elle e mais aos coadjutores, algumas, com excesso, se o abbade e a cleresia circumjacente não têm na bexiga ou nas articulações a pedra e a rheuma que os

tornem mais castos que a fantasia de Jocelyn. A devassidão das minhotas, alternada com intermitencias de beaterio, quando os missionarios urram, tem sido para mim um objectivo de contemplações de que não pude ainda attingir o grau de alienação mental a que pode levar a estupidez.»

O prior de Santa Eulalia, da linda novella de Trigueiros dispendia dos castos prazeres cynegeticos o ardor que talvez causasse ciãos despeitos ás moças libertinas, e a Maria da Luz, com os seus limpidos olhos azues e as suas predilecções de mulher lida, que só por garridice veste os trajos de camponia, não é de nenhum modo a femea da poetica provincia, tal como em dura prosa o nosso grande romancista a descreveu. Mas tão grande é o coração de poeta do auctor d'essa lyrica novella que, dentro d'esse coração, houve logar para construir a Casa dos Alamos e para albergar n'ella o lindo rouxinol.

PAULO OSORIO.

O Rouxinol dos Alamos

(Excerpto)

—Olá, reitor, ha almoço para um viandante perdido nestas serra-nias?!

O reitor de Santa Eulalia que na sala de entrada da residencia discutia uma questão de congruas com dois freguezes teimosos, quando ouviu a inesperada interrogação, chegou apressado á janella, exclamando alegremente.

—Olha quem elle é?! Suba amigo Veiga, queira sahir ahi do quinteiro que a soalheira é forte! O Manuel Joaquim que lhe tome conta do burro. Ai, é verdade, maldita costumeira minhota! Eu queria dizer do cavallo! Do cavallo é que eu queria falar. Oh, Manuel Joaquim olha ahi! Quieta Rôla! Que raio de cadella mais teimosa! Olhe que o suja!

E depois deste turbilhão de palavras, o reitor de Santa Eulalia voltou para dentro, dizendo para os dois lavradores que o miravam um pouco embaraçados:

—Pois meus amigos, se ha trapalhada isso é lá com o escrivão que faz o rol! Comigo não é nada. Ide com Deus que tenho agora que attender áquelle hospede. Amigo Custodio, faça lá visitas ao seu sobrinho padre Augusto.

—Está muito bem, sr. reitor, á ordem! disse o Custodio; e os dois lavradores afastando-se para deixar entrar Manuel da Veiga, retiraram fazendo exaggerados cumprimentos.

Quando ficaram sós, o padre Alves apertando com amigavel effusão as mãos do recémchegado, exclamou:

—Sabe que teve uma boa idéa em vir hoje aqui?! cahiu como a sopa no mel.

—Então?! interrogou curioso Manuel da Veiga.

—Vae assistir a um casamento, homem, a um casamento de estrondo. Ora espera; você não me disse que queria almoçar? Isso era a sério?

—Qual historia. Se eu vinha agora pedir de almoçar ás dez horas da manhã, ao reitor que janta ao meio dia. Estava servido!

—Chutt! Não se vá sem resposta que hoje não ficava mal servido. Sempre se arranjará bacalhau com ovos, um chouriço na grêlha . . . espera, e tenho ali geleia, biscoitos e café. Que tal, chamo a Genoveva?

—Deixe lá a sua respeitavel irmã em paz! acudiu Manuel da Veiga.—E dizia o reitor que não tinha que me dar para o almoço! .. Credo!

—Homem, para a vontade que eu tenho de lhe ser agradável tudo me parece pouco. Venha d'ahi! Hoje é meu até á tarde, valeu?! Assiste ao casamento da minha fregueza Anna da Venda. E cautella que é uma rapariga de respeito! .. Jantamos em casa dos noivos . . .

—Mas se eu nem os conheço, atalhou Manuel da Veiga.

—Barr, conhece-me a mim, que sou o seu reitor! berrou o padre Alves entusiasmado com o programma; e continuou:

—Jantamos em casa dos noivos e ao fim da tarde, depois de se ter visto baillar um pouco as raparigas, vamos para os Alamos arriar a D. Germana, fazendo-a perder á manilha! Dia cheio, amigo Manuel da Veiga! Diga lá; valeu?

—E nos Alamos que me esperam para jantar? avançou Manuel, quasi vencido pela eloquencia do bom reitor.

—Homem! vae lá o Manuel Joaquim prevenir.

E sem mais delongas, ahi se debruça da janella o padre Alves a gritar para o quinteiro:

—Eh, Manuel Joaquim! Olha aqui homem! Ouviste? Sahe d'ahi Rôla, passa fóra cadella! Ouviste, Manuel Joaquim?

—Sim senhor! gritava o criado lá do fundo do passal.

Então o reitor deu-lhe o recado e mais tranquillo, voltou-se para o hospede exclamando verdadeiramente encantado:

—Que bella idéa você teve em vir! Ora sempre lhe quero mostrar os meus trabalhos.

O reitor de Santa Eulalia vivia na residencia com a sua unica irmã, uma pobre octogenaria que o criara, empenhando-se para o manter na carreira ecclesiastica. Quando o irmão cantou a primeira vez missa, na pequena igreja de Villar, a pobre creatura ria e chorava durante a cerimonia, tendo cahido desmaiada, quando ajoelhava aos pés do novo levita para lhe beijar a mão, segundo a praxe n'aquelle acto solemne. Tendo sido collado em Santa Eulalia, o padre Alves levava para a sua companhia a excellente Genoveva, cumprindo assim honradamente um dever de gratidão.

Padre Alves tinha um fraco. Trabalhava com excepcional habili-

dade ao torno e fazia moveis d'uma perfeição incontestavel, ornamentados a cortiça. Gostava então de expôr os seus trabalhos á critica dos entendidos e era capaz de passar horas a descrever todas as minucias do seu processo de recorte á serra mechanica. Nos intervallos d'essa faina, caçava; e estas distracções, os seus deveres parochiaes

e cada fêmea põe, termo medio, 134.000. Um arenque chega a pôr 3 milhões e quinhentos mil e um bacalhau grande, cêrca de 9 milhões.

As moscas tambem são maravilhosamente prolificas. Basta só

Funeraes de Nicolau Salmeron



O prestito atravessando o cemiterio civil de Madrid

e a partida da manilha na casa dos Alamos, absorviam toda a sua existencia.

— Venha d'ahi vêr os meus trabalhos;— dissera o reitor, e Manuel da Veiga teve de passar em revista os lindos moveis ornamentados a cortiça que tanto orgulhavam o padre Alves. Mas a hora do casamento approximava-se e foram então para a igreja aguardar o cortejo nupcial.

O templo de Santa Eulalia espreita, na falda da montanha, por entre o arvoredor secular, que, excepcionalmente, as diferentes juntas de parochia teem respeitado. Do velho mosteiro que ali se levantava em tempos idos, restam, a igreja que se aproveitou para séde parochial e as lindas carvalheiras, que a protegem, enormes, de largos troncos nodosos, aonde vicejam, como grandes borboletas verdes de feiço bizarro, pousadas nas curvas da ramaria, delicados ietos d'um fino e original recorte. A igreja é pequenina, mas alegre. Nas altas frestas em ogiva, não ha vitraes de côres hilariantes; mas a luz entra suavemente, coada pelas modestas cortinas vermelhas, acariciando os ornatos escrupulosamente limpos, da talha dourada dos altares. A' esquerda do altar mór, em frente do estreito varandim que serve de pulpito nas grandes solemnidades, Santa Eulalia, sobre um pedestal feito de nuvens roseas, por entre as quaes espreitam cabeças loiras de anjos, sorri aos crentes entre as palmas floridas, que formam como que um portico engrinaldado. De resto ha flôres por toda a parte a testemunhar crença fervorosa; nos altares, nas caixas para esmolas, em vasos rusticos dispostos aqui e ali pelo recinto. A' direita do altar mór, pendurados em fila numa regua de madeira, braços e mãos de cêra, tranças de cabelo atadas por fitas azues e vermelhas, olhos de prata com lacinhos multicôres, lembram episodios tragicos, horas de angustia que determinaram as promessas, cujo rigoroso cumprimento aquelles objectos representam. No retabulo do fundo, uma pintura ingenua, Christo agonisa aos pés da cruz negra, docemente amparado nos braços de duas mulheres envoltas em grandes mantos azues. Uma lampada permanentemente acceza em frente d'esse velho quadro, põe reflexos luminosos no corpo anguloso do Redemptor prostrado. Bento Polonio, o sachristão que durante trinta e seis annos cuidára amorosamente do pequeno templo, costumava dizer, quando orgulhoso mostrava aos visitantes o retabulo do altar mór:

— Horas ha em que o sagrado corpo parece querer erguer-se!...
E ficava se um momento a olhar a pintura n'um religioso extasis...

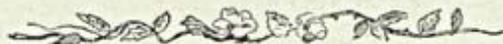
Prodigiosa fecundidade animal

Quaes são os animaes mais prolificos?

Em geral, os peixes sobrelevam a todos os animaes em fecundidade. Os ovos dos linguados são extremamente pequenos,

uma para produzir 20.000 larvas, cada uma das quaes, em poucos dias, pôde ser mãe de outras 20.000. Uma mosca foi collocada, em observação, n'um dia 20 de março. No dia 24 de abril estava representada por 300 descendentes, e por 300 vezes 300, ou sejam 90.000 no dia 18 de maio, e por 27 milhões a 2 de julho, e por 8.100 milhões a 8 de agosto.

A thermite, ou formiga branca, produz, durante o período da postura, 81.000 ovos diários, os quaes são incubados apenas n'um mez.



Caetano Mac-Mahon de Wrem

Uma das victimas do desastre de Cintra

AFRICA PORTUGUEZA

Golungo Alto



Aspecto geral

Golungo Alto é a capital do concelho do mesmo nome e pertence ao districto de Loanda, distando d'esta cidade uns 300 kilometros.

A povoação está edificada a 600 metros de altitude e a sua fundação data do tempo da conquista da região, em 1586, por Paulo Dias de Novaes.

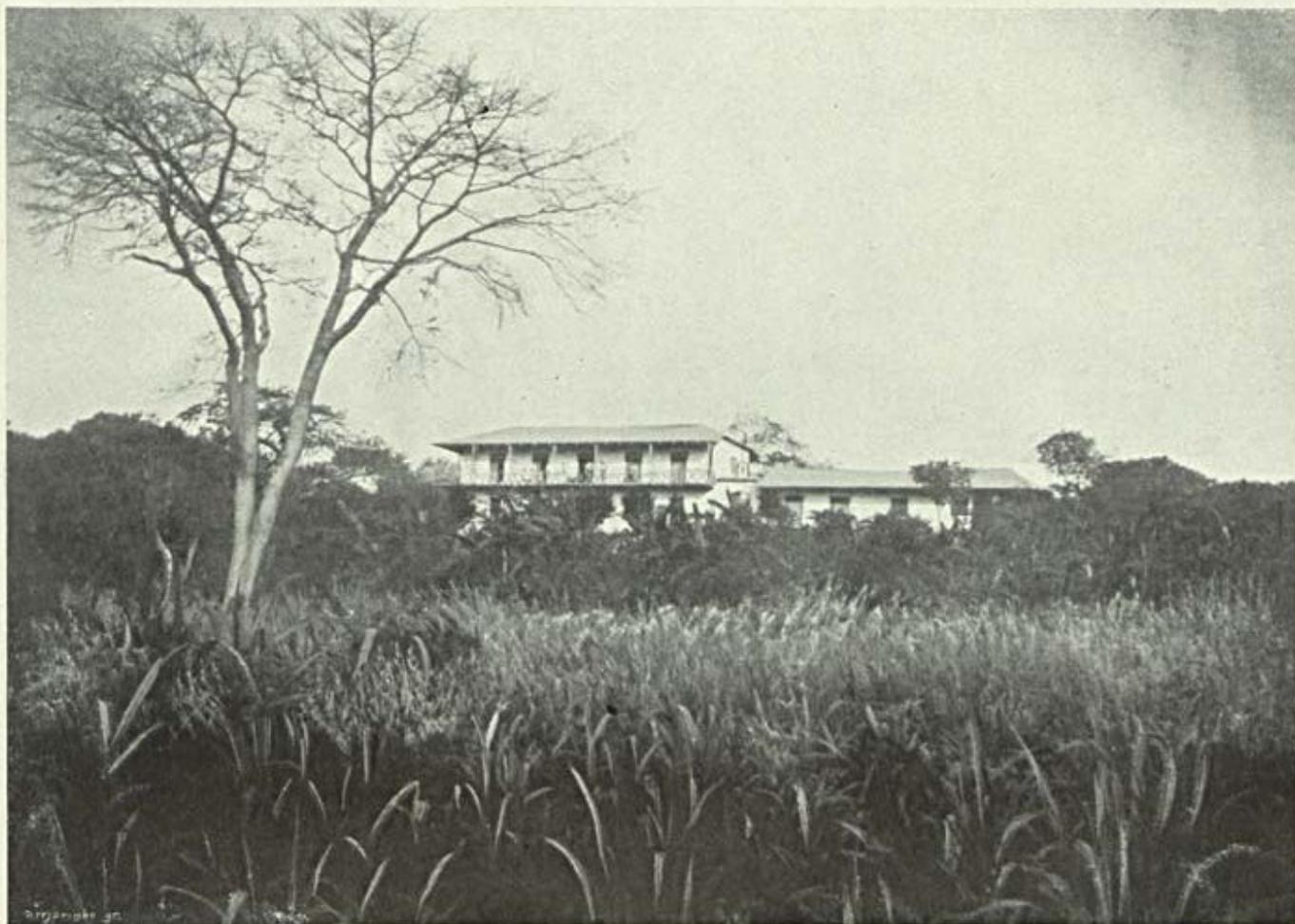
Nos meados do seculo passado chegou a ser capital do districto, embora por pouco tempo.

O seu commercio está hoje muito decadente. As suas fazendas agricolas, cuja principal industria foi sempre a da canna sacharina,

estão-se transformando actualmente em excellentes plantações de borracha ás quaes o governador geral, sr. capitão Paiva Couceiro, tem prestado as suas maiores attentões.

Alem de uma vista geral de Golungo Alto publicamos tambem alguns trechos da fazenda Valle Flor, do importante agricultor sr. Alfredo Simões Leitão, um dos coloniaes que mais tem contribuido para o desenvolvimento de Angola.

Todas estas photographias nos foram enviadas pelo sr. Antonio Correia Castanheira, commerciante em Golungo Alto, e assignante d'esta Revista.



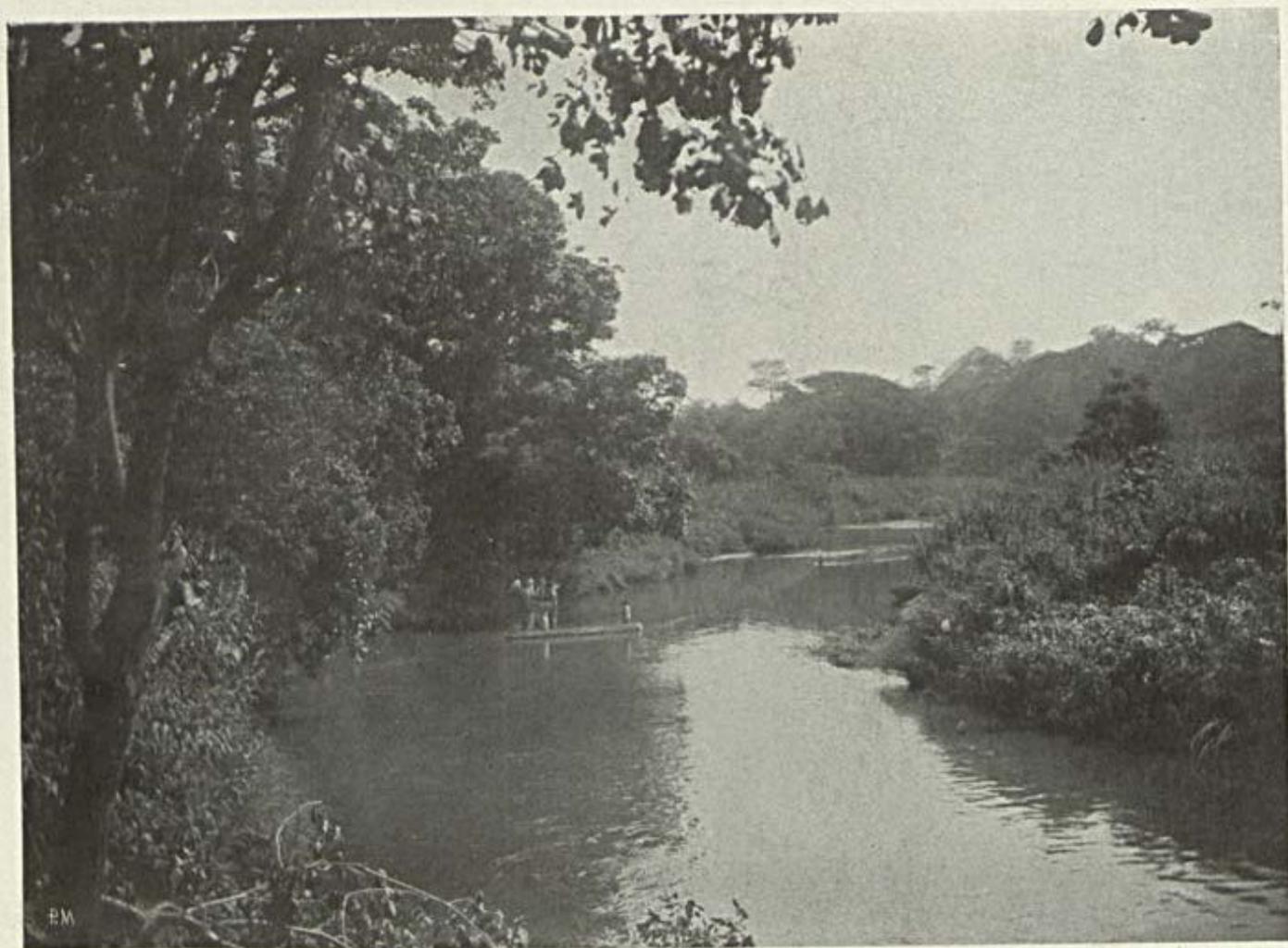
Fazenda Valle Flor. — Casa de habitação do proprietario

AFRICA PORTUGUEZA

Golungo Alto



Fazenda Valle Flór. — Casa da machina da distilação



Fazenda Valle Flór. — Pescaria no rio Zenza

MARINHA DA BELGICA

O navio escola L'«Avenir»

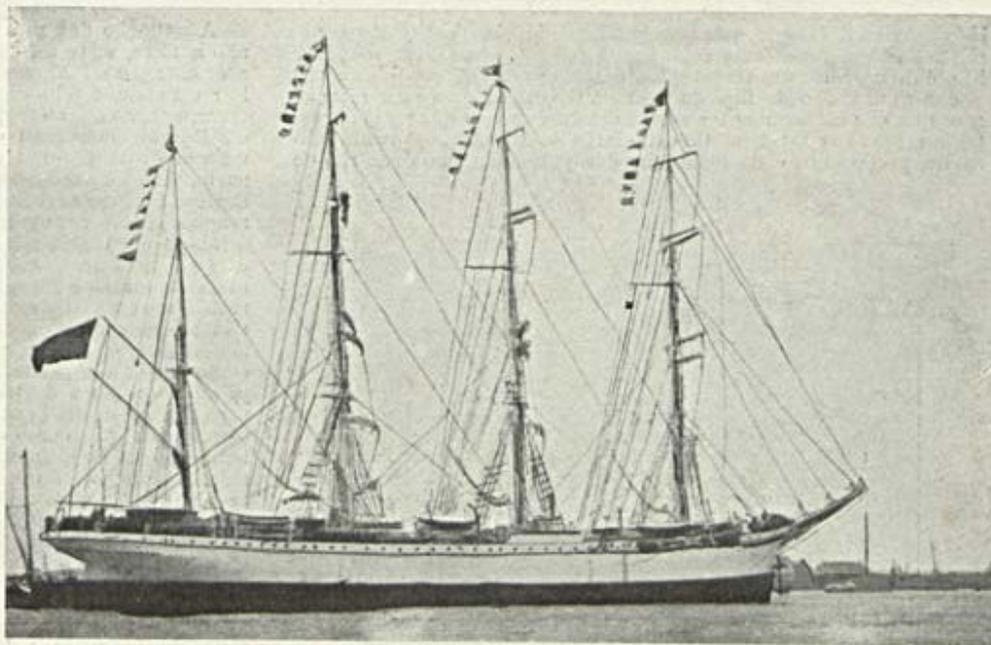
Este navio, que em 12 de setembro arribou à Madeira, por motivo de doença do seu 2.º commandante, pertence à Associação Marítima Belga e foi construído em 1907-08 nos estaleiros Rickmers à Geestememste (Bremerhaven).

É esta a sua primeira viagem e destina-se ao Rio de Janeiro, Durban e Australia.

Tem 4 mastros e mede de comprimento 91,50 e de largura 15,00. A sua capacidade é de 2773 toneladas.

Commanda-o um distincto official de reserva da marinha allemã, o commandante Zander, que por varias vezes tem dirigido navios escolas da importante companhia *Nordeutsch Lloyd*.

A sua tripulação compõe-se de 1 commandante, 1 immediato, 4 officiaes, 1 medico, 2 professores, 19 cadetes, 6 officiaes inferiores, 18 marinheiros, 12 praticantes, 3 cosinheiros e 4 creados.



O navio escola belga L'«Avenir»

Politica internacional

Não nos enganamos em nenhuma das nossas previsões sobre quaes seriam as consequências da revolução turca. O desapontamento das nações balticas, especialmente da Bulgaria, e a desillusão de algumas das grandes potencias, especialmente da Austria, indicavam bem a soluçãõ que esses interesses prejudicados procurariam dar á crise aberta pela revolta de Monastir. Por isso, apesar de muitos parecerem surpreendidos com os actuaes successos do Oriente, é certo que nenhum motivo ha para estranheza, pois elles estão perfeitamente na logica dos acontecimentos. E ainda o que aconteceu hontem em Tirново é apenas o prologo do que está para vir...

..

Foi a Bulgaria, conforme o tinhamos previsto, quem rompeu o *status-quo* proclamando a sua independencia. Como se atreveu o prin-

cipado a dar este passo ousado e decisivo, estando ainda sob a comminaçãõ da nota que as potencias dirigiram não ha muito tempo aos differentes governos balticos para que se abstivessem de qualquer acto, que pudesse perturbar a paz? Evidentemente só a hypothese de um entendimento com a Austria pôde explicar o facto. A monarchia austro-hungara queria a todo o custo annexar as duas provincias da Bosnia e da Herzegowina, que o congresso de Berlin lhe confiou para administrar. Mas para isso precisava de um pretexto, que lhe permittisse invocar perante a Europa o caso da "força maior". Entendeu-se, pois, secretamente com a Bulgaria assegurando-lhe a neutralidade da monarchia e, segundo se diz tambem, a neutralidade da Romania, inteiramente enfeudada á politica de Vienna. Nem de outra tórma se pôde explicar a ousadia de Bulgaria. Mas assim como para o acto do principado é mysterio procurar-lhe o inspirador, que n'este caso está descoberto, para a attitude da Austria, tão contraria no momento actual á sua proverbial prudencia, é necessario tambem encontrar-lhe a razão, que nos parece não ser tambem muito difficil de achar.

Só uma potencia podia ter dado á Austria-Hungria as seguranças sufficientes para se lançar na aventura perigosa da annexaçãõ da Bosnia e da Herzegowina. Esta potencia é a Allemanha.

Diz-nos o telegrapho que perante a exprobaçãõ do seu procedimento feita pelo grão vizir ao embaixador allemão, tramando conjunctamente com a Austria contra a integridade do imperio ottomano, este diplomata lhe respondera que nem elle nem o principe de Bulow sabiam uma palavra do que em segredo se estava combinando entre Vienna e Sofia.

Não é de crer, que semelhante declaração seja verdadeira. Pelo contrario, deve ser uma das muitas "mentiras convencionaes", de que a diplomacia lança mão para encobrir o seu jogo. Ninguem acreditará que a Austria Hungria não informasse a sua unica aliada do que estava planeando, e muito menos que ousasse pô-lo em execução sem o consentimento expresso d'essa aliada, que para ella representa quasi que o papel de tutora na politica internacional. Se a Allemanha nega qualquer participação na proclamação da independencia bulgara e na projectada annexaçãõ da Bosnia e da Herzegowina, é que lhe convem por ora representar um duplo papel, que de resto não poderá conservar por muito tempo. Não ha duvida porém de que ella fez parte da conspiraçãõ, que teve já como resultado o ser rasgado o tratado de Berlin, obra, convem não esquecer, do seu grande chancelier.

..

Mas os factos consummados são n'este momento: a proclamação da independencia da Bulgaria, e a annexaçãõ da Bosnia e da



Officiaes e cadetes do navio L'«Avenir» e a familia Bianchi

(Cliché do dr. Carlo de Bianchi Junior vice-consul da Belgica na Madeira).

Herzegovina á Austria, por isso que a notificação d'este facto ás potencias não se póde fazer esperar. Ficará por aqui a crise oriental? Não é de crer. Ha um terceiro facto, que se nos affigura imminente — é a annexação da ilha de Creta á Grecia. Dada a precipitação com que os acontecimentos se vão dando, é de crer que esteja prestes a realisar-se tambem. Os estadistas de Athenas, aproveitando-se do precedente e da hesitação das potencias, não deixarão de



O dr. J. Charcot, commandante da expedição antarctica franceza, e sua esposa, na Quinta da Foz (Funchal) em 15 de setembro de 1908

imitar o gesto da Bulgaria. Agora ou nunca será o momento apropriado para lançarem mão ao fructo apetecido, em que até agora lhe prohibiam tocar sob pretexto de não attentarem contra a integridade do imperio ottomano. Mas, depois do exemplo dado pela Bulgaria e pela Austria, o que fica valendo esta integridade? E que mais direito tem a Austria-Hungria de annexar as duas provincias turcas do que a Grecia de annexar a ilha de Creta, que geographica e ethnographicamente faz parte integrante do reino hellenico? Póde pois, considerar-se egualmente como facto consummado a reunião da ilha ao estado irmão. E depois? Que effeito vão produzir estes movimentos annexionistas nos restantes estados balkanicos? Ha um, sobretudo, onde elles estão produzindo uma funda impressão, na Servia. E comprehende-se que assim seja. A Servia é uma das nações balkanicas mais irrequietas e que mais razões tem para estar descontente com a sua sorte. O reino servio, propriamente dito, contém apenas uma parte da população servia actualmente existente. Ha fóra do reino servios no Montenegro, na Turquia e na Austria-Hungria. A Bosnia e a Herzegovina são duas provincias servias pela lingua e pela raça. De modo que a annexação d'ellas á monarchia austro-hungara é um golpe irremediavel dado nas esperanças de engrandecimento do estado servio. A idéa de uma Grande-Servia, que abrangesse todos os elementos ethnographicos affins, foi durante muito tempo o programma politico reservado dos estadistas de Belgrado, sem distincção de partido. Hoje, depois do que acaba de acontecer, esse programma tem de passar á categoria dos sonhos irrealisaveis. E' o futuro da Servia para sempre comprometido. D'ahi a legitima sensação em Belgrado, e a agitação que começa a propagar-se pelas provincias. Até onde poderá ir esta agitação não se sabe por emquanto. Mas é de recear que quando a Servia perca todas as esperanças de qualquer compensação, recorra á violencia e que desencadeie a tempestade, na esperança de ganhar alguma cousa n'um conflicto, que a ella, na situação desesperada em que se encontra, pouco póde prejudicar. Esperemos os acontecimentos, que hão de esclarecer de uma maneira definitiva a situação.

Resta-nos examinar qual será a attitudo das potencias signatarias do tratado de Berlim, e por ultimo a propria attitudo da Turquia, a mais importante n'este momento para a solução da crise, visto que é á custa d'ella que se estão fazendo estas annexações.

A situação das potencias é até este momento hesitante, o que não admira, visto a Austria ter-se separado do concerto europeu e a orientação da Allemanha dar logar a justificadas apprehensões. Parecem estar reunidas n'um bloco a Russia, a França e a Inglaterra, e ter este bloco por agora a adhesão da Italia. A Inglaterra e a Russia, como era facil de prevêr, foram as duas nações que tomaram a attitudo mais decidida. O gabinete inglez fez saber á Bulgaria, que não reconhecera alteração alguma feita ao tratado de Berlim. Emquanto á Russia, essa protestou em nota enviada ás potencias contra a annexação da Bosnia e Herzegovina. Além d'isso a Russia e a Inglaterra tomaram a iniciativa de proporem a convocação de uma conferencia internacional para revêr o tratado de Berlim, visto que este documento diplomatico é considerado não existente de facto em virtude dos ultimos acontecimentos. Assim, por agora, as maiores complicações ficam adiadas até a conferencia se reunir. Mas depois, o que vai acontecer? Não se comprehende entretanto como é que a Austria-Hungria póde ir a essa conferencia, se ella já se apressou a declarar que não acceitará a arbitragem da Europa a respeito da annexação das duas provincias e que considera essa annexação como definitiva. E ainda menos se póde comprehender como se harmonizará esta declaração com a declaração do gabinete inglez de que não reconhecera os factos consummados, sem que sobre elles tenham emittido a sua opinião e com elles tenham concordado todos os signatarios do tratado de Berlim, e especialmente a Turquia. N'estes termos affigura se nos não ser facil a reunião da conferencia, ou se ella se chegar a reunir o agrupamento das potencias será pouco mais ou menos o da conferencia de Algeciras. De um lado veremos a Austria-Hungria, a Allemanha e talvez a Italia, se lhe derem compensações. Do outro lado formarão a Russia, a Inglaterra, a França e a Turquia. Emquanto aos estados balkanicos estarão com a Austria a Romania e a Bulgaria, mas estarão com a Russia e os seus alliados a Servia, o Montenegro e naturalmente a Grecia. Em taes condições o que vai ser a obra da conferencia?

A mais interessada de todas as potencias no que está occorrendo é indubitavelmente a Turquia. O partido joven-turco sobretudo e a sorte da revolução estão directamente dependentes do curso que os successos tomarem. Até agora, materialmente, a Turquia não tem perdido muito, porque tanto a Bosnia e a Herzegovina, como a Rumelia oriental, como a propria ilha de Creta (se a annexação d'esta á Grecia se realisar) de ha muito que estavam perdidas para o imperio ottomano. O laço que prendia estas provincias a Constantinopla era hoje apenas nominal. Mas moralmente é innegavel que os ultimos successos representam grave perda para a revolução, porque embora injustamente todos lhe attribuirão a responsabilidade dos factos occorridos. Se os jovens-turcos se resignam e não procuram fazer valer pela força os direitos do imperio serão accusados de fraqueza e pode esta prudencia servir de estímulo a novos desmembramentos. Se se lançam n'uma guerra para defender a integridade da nação pódem achar-se em frente de



O dr. J. Charcot e sua esposa, descendo do Monte, no Funchal, em 15 de setembro de 1908

(Cliché do dr. Carlo de Bianchi Junior vice-consul da Belgica na Madeira)

um levantamento geral, que seja o prologo do completo esphacelamento da potencia turca. Como se vê a situação para os revolucionarios osmanlis é das mais difficeis, senão mesmo das mais angustiosas.

CONSIGLIERI PEDROSO.

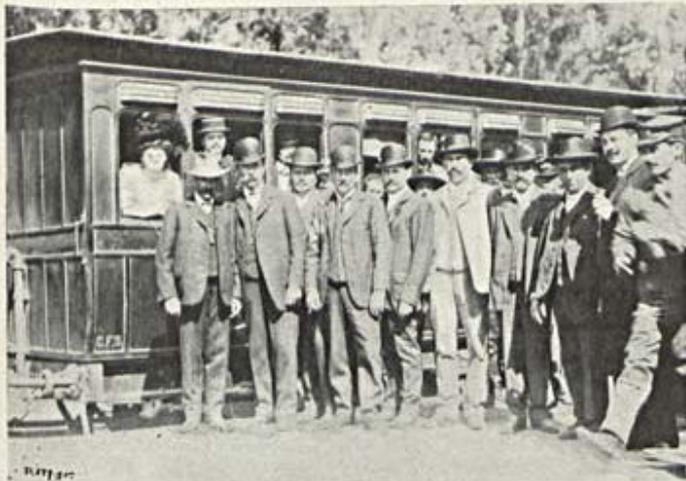
A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LIV

A criminalidade em Lisboa. A navalha e a gasua em acção. A má sorte da policia. Ou sabe tudo depois de tudo ser sabido por toda a gente ou chega tarde como os carabineiros de Offenbach. O que a policia foi e é. Agora, nem já nos espanca. O «Pintor». Um caso interessante em que é protagonista o famoso desordeiro. — O theatro de D. Maria. A empreza e os auctores dramaticos. Dize-tu, direi-eu. A questão tal qual é. O que se deveria fazer. — Outubro intoleravel. Villegiaturas e eleições.

A quem se dê ao trabalho de percorrer com os olhos os jornaes diários de Lisboa, não pode deixar de impressionar o desenvolvimento, dia a dia constatado, do crime na capital. E' de apavorar o relato, permanente e sempre crescendo, dos crimes de sangue e roubo perpetrados a toda a hora e em parte com cynismo e despalante inconcebíveis para quem não seja auctor de romances-folhetins. A navalha e a gasua operam sem descanço animadas pela má sorte (chamemos-lhe assim) da policia, que ou tem conhecimento dos crimes depois de toda a gente d'elles



Inauguração do caminho de ferro de Pinhal Novo a Aldeia Gallega

A comissão dos festejos aguardando o comboio na estação do Pinhal Novo

saber, ou chega tarde, como os carabineiros de Offenbach. Em qualquer dos casos, porem, (e faça o demo a escolha) a policia tem sido infelicissima na investigação de uns tantos crimes, com grave prejuizo para o seu prestigio e concomitantemente para a confiança que tal corporação deve merecer ao cidadão.

A nossa policia que ainda ha pouco era temida—para que negal-o?—pela brutalidade das suas injustificadas aggressões, até esse triste prestigio vae perdendo, mercê da valentia de um desordeiro que se celebrou com a alcunha de *Pintor*. Ha pouco, era brutal; hoje é inepta.

Eu sei que se allega o facto incontessavel de a area da cidade crescer desmarcadamente consoante as conveniencias eleitoraes dos governos que se succedem no poder, a ponto de uma das portas de Lisboa—que até por signal não são portas—estarem estabelecidas quasi á entrada da famosa Porealhota dos Coelho, actualmente baptisada em Amadora. E é evidente que os mil e seiscentos guardas de que a policia dispõe para vigilancia das ruas são insufficientes. Não pode haver duas opiniões a este respeito. Mas o que tambem salta aos olhos mais myopes, é que nenhum de nós—gatunos e assassinos á parte—temos culpa d'essa insufficiencia e que pagamos pelo preço dos ditos olhos a chamada segurança publica. Ora um euphemismo por tal preço é um luxo que se não pode permittir o pobre fabiano portuguez.

Ainda no tempo em que a policia nos batia se comprehendia tal esbanjamento. Ella fazia realmente alguma coisa: espancava-nos. Mas agora, louvado Deus, nem isso! Toda a sua benefica acção se limita a trazer á razão de juro as cabeças das nossas creadas, esturando os refugados do nosso jantar e comendo as melhores sobras d'elle, á hora a que o cavalheiro está no Gymnasio, ouvindo facecias do Valle ou jogando o *bridge* no Gremio, e madame dorme o seu primeiro somno com o *Tareco* enrolado aos pés.

Eu disse ha pouco que a policia perdera até a propria valentia (?) mercê do *Pintor*.

E' de crer que os leitores não saibam de quem se trata. Pois eu lhes digo, porque vale a pena.

O *Pintor* é um desordeiro temível com formidavel cadastro. Não se lhe conhece outro vicio: provocar desordens e desancar policias. A opinião, sobre o homem, é unanime: boa creatura, trabalhador e honesto. Mas com um grão na aza é de tremer. Contende com quem passa, bate a torto e a direito, a principio moderadamente, como quem se está treinando para um ataque decisivo. Por fim, apparece a policia—quando apparece. E então o *Pintor*, devidamente treinado, atira-se ao guarda ou guardas, e agora o vereis: é sóco, bofetada, pontapé, dentada, marrada. Agatanha-os, rasga-lhes os fatos, espesinha-os. Por sua parte os policias amolgam-o como uma lata velha e dão-lhe até tocar a rachado. O *Pintor* vae para o hospital vertendo sangue por muitas feridas, com as costellas arrombadas, sem falla, moribundo. Oito dias depois sae e recomeça cada vez mais interessado n'este *sport* que só elle cultiva, para voltar ao hospital, d'onde torna a sair para voltar ás scenas de pancadaria, cada vez mais animado pelo odio ao policia.

E' conhecida a aversão da população á policia; desnecessario, portanto, será insistir na sympathia de que o *Pintor* goza, mormente nas camadas baixas. Essa sympathia vae a ponto de o famoso desordeiro se ver coadjuvado nas suas refregas com o bicho policia por caridosos anonymos que aproveitam o ensejo para molharem a sua sôpa.

Fallar no *Pintor* a um guarda é mostrar uma cruz ao diabo. Puderá! Ellas não matam mas doem. E o caso é que o *Pintor* vive n'uma atmosphera de terror que asphixia a nossa excellente policia. Teem-lhe medo.

Teem-lhe medo a ponto de se ter dado este caso, que só em Lisboa poderia succeder. O *Pintor* teve seus dares e tomares com um outro, do mesmo jaez, que dá pelo appellido de França. E jurou, alto o bom som, que havia de dar cabo do canastro ao França.

O caso chegou ao conhecimento da policia superior. E a policia superior, que não tem policia inferior para garantir a segurança dos cidadãos não França, destacou um certo numero de homens para varios pontos, afim de evitarem a tremenda collisão. Durante muitos dias o caso evitou-se, não pela acção da policia, que ao *Pintor* nada importaria, mas pela prudencia do sr. França que sabe quanto custa levá-las. Mas tudo tem seu termo n'este mundo de enganos e por fim a policia deixou de vigiar os dois, convencida de que o caso não passaria das ameaças. O França tambem assim pensou e appareceu. Em má hora o fez. Mestre *Pintor* cahiu-lhe em cima e applicou-lhe tal sova que o França foi encontrado horas depois prostrado, em perigo de vida. Levado pela policia ao banco do hospital, lá lhe fizeram o primeiro curativo. E como fosse preciso prender alguém—a policia levou o França para a cadeia e ignora onde pára o *Pintor*...

São mil e seiscentos, como disse. Pois, senhores, para figuração da opera-buffa, acho demasiado. Demasiado e caro.

A Procuradoria Geral da Corôa a quem foi affecto o requerimento de desistencia, com condições, dos srs. Brazão e Ferreira da Silva, dos seus logares de artistas do quadro de D. Maria, com um grande bom-senso se declarou incompetente para decidir em pleitos de caracter artistico. Voltou o documento á Direcção Geral de Instrucção Publica e Bellas-Artes, onde ficará esperando decisão do governo que, valha a verdade, tem mais, muito mais que fazer, que intervir em questionculas entre actores e emprezas, no momento grave que atravessamos.

Eu já aqui disse o que pensava sobre esta questão e não vejo necessidade de voltar a fallar n'ella. Mas em additamento ao que aqui relatei, convem accrescentar o que se tem passado desde então. A Empreza, certamente muito combalida, faz esforços sobrehumanos, abrindo o theatro com um quadro artistico muito deficiente, os auctores dramaticos (?) fazem uma representação contra um tal estado de coisas (?); a Empreza replica que tem cumprido honradamente os seus deveres e que se tem perdido muito dinheiro á má qualidade das peças dos srs. auctores deve esse terrivel percalço; os auctores vol-



Inauguração do caminho de ferro de Pinhal Novo a Aldeia Gallega

O desembarque dos passageiros do comboio inaugural, em Aldeia Gallega

tam á carga respondendo forte e a empresa não faz esperar a sua resposta, dizendo que é assim que lhe pagam taes e taes favores, taes e taes concessões misericordiosas...

Um charivari medonho, em que intervem por vezes o sr. commissario do governo com o seu raro tacto de creatura fria e ponderada, mostrando a palmatoria a uns, acenando com um bolo do Marques a outros — então, meninos, que é isso? estejam quietinhos!...

Seria tudo isto de estoirar os cós das mais solidas calças, a rir, se não fosse, pelo contrario, muito para deplorar.

E' certo que a empresa de D. Maria, inexperiente e porventura mal aconselhada, tem commetido erros, que a ella e só a ella tem custado o mais que um erro pode custar — aquillo com que se compram os melões. Mas que ella seja culpada do desgraçado estado a que chegou a arte dramatica entre nós, lá nos quer parecer que é forçar demasiadamente a nota.

Boas ou más, as peças que a empresa tem posto em scena são-lhe impostas por um jury para tal fim nomeado. Desde que as monte com decencia — e isso tem feito — do resto não tem ella que curar.

Desapaixonadamente não se pode deixar de ver a questão assim. E não é a representação dos auctores dramaticos, onde figuram nomes de pessoas que nunca perpetraram uma scena comica ou um monologo para club de amadores, que ha de mudar as guardas á fechadura, isto é, dar razão a quem não a tem.

Melhor, certamente muito melhor, seria representarem os auctores dramaticos — mas, entendamo-nos, *os auctores dramaticos!* — ao governo, pedindo a substituição ou revisão do diploma porque se rege a chamada casa de Garrett, pois n'esse desgraçado documento e subsequentes remendos é que está a origem de todos os males que muita gente diz sentir, (tanta ella é, que muitos dizem sentil-os só para se convencerem de que são auctores dramaticos!) sendo aquelle que mais enferma d'elles, o actual empresario, quem menos geme a maleita.

Até conseguirem isto os srs. auctores dramaticos não devem perder o seu precioso tempo no dize-tu direi-eu em que vem embotando as suas faculdades litterarias. Vão escrevendo peças, que lá está o sr. Ferreira para lh'as fazer representar, vão cobrando os seus direitos, que lá está o sr. Ferreira para lh'os pagar, vão dizendo mal, que lá está o sr. Ferreira para ouvir — mas não façam mais representações.

Não são precisas mais representações, como não são precisas mais representações. Mas uma vez que não é possível evitar estas, pelo divino amor de Deus não pensem nas outras!

♦♦

Estamos pagando com lingua de palmo as ventanias de agosto e a doce temperatura da primeira quinzena de setembro. Outubro corre quente como uma fornalha, ameaçador de trovoadas, senão, deprimemente, enervador. Abafa-se.

As villegiaturas, este anno, devem ser mais demoradas. Ainda não regressou ninguém á capital nem regressará tão cedo.

Os theatros que abriram tem escacissima concorrência e nos habituaes centros de cavaco não se encontram caras conhecidas.

Talvez as eleições municipaes, que devem realizar-se na primeira quinzena de novembro, tenham o condão de trazer a Lisboa alguma animação. Mas não nos cheira. Os carneiros, pelo menos, ainda não chegaram. E esses, como se sabe, constituem a parte mais interessada...

CAMARA LIMA.

Moedas de chá

O chá é usado como moeda em muitas cidades chinezas do interior e nos mercados da Asia central.

E' claro que esse producto não passa de mão em mão na sua forma corrente entre nós, mas sim prensado em pastilhas e estampado com certos signaes convencionaes.

Essas pastilhas variam de valor consoante a qualidade do chá, augmentando tambem aquelle em harmonia com a distancia dos centros productores.

Calcula-se que a moeda de chá em circulação entre Urga, Mongolia e Kakta, na Siberia, attinge um valor total representativo de, proximamente, duzentos contos de réis.



CASCAS EM 1908

Campeonatos internacionaes de "tennis,"



Miss Phillimore

A vencedora do «ladies singles»



D. Angelina Plantier

Vencedora dos «mixed doubles»



D. João da Costa de Sousa de Macedo
(Villa Franca)

Vencedor dos «men's singles» dos «mixed doubles»
e dos «men's doubles»



Guilherme Blech

Organizador, este anno, dos campeonatos



José Bello

Tambem vencedor dos «men's doubles»



S. Carlos. — D. Maria. — Trindade. — Principe Real. — Gymnasio. — Colyseu dos Recreios

E stão já abertos muitos dos nossos theatros e outros se preparam para franquear as suas portas ao publico.

S. Carlos dá-nos este anno com a nova empreza, umas poucas de innovações que devem ser devidamente apreciadas pelo escolhido publico que costuma frequental-o. Além da transformação por que o fez passar dando-lhe um luxuoso aspecto, cuidando das mais pequenas coisas, fazendo do salão um

moniosa affirmou-se brilhantemente na aria da *Gioconda* valendo-lhe uma calorosa ovação.

Mauricio Bensaude, o artista correctissimo que ha muito conhecemos, houve-se á altura dos seus credits e Julio Camara, comquanto se apresentasse um pouco commovido, possui uma voz de tenor agradável e produziu boa impressão no *duetto* do *Fausto* que cantou com Isabel Fragoso, a quem evidentemente pertenciam as honras da noite.

O *rondô* da *Somnambula*, que toda a assistencia escutou verdadeiramente encantada, e que Isabel Fragoso se abalçou a repetir, valeu á novel cantora uma verdadeira consagração de todo o publico que enchia a sala.

No **Principe Real** continuam Maria Falcão e Alvaro, nas magnificas peças *A Taberna* e a *Sapho*, a chamar uma concorrência extraordinaria e a serem delirantemente applaudidos os seus magistraes desempenhos.

O **Gymnasio** com o impagavel Valle e a *reprise* das suas peças de gargalhada está-se preparando para a apresentação de peças novas e o **Avenida** reabre no dia 16 com a velha e sempre nova revista o *O' da guarda*, agora ampliada com quadros novos, e na qual reapparecerá a sempre apreciada Pepa Ruiz.

Finalmente o **Colyseu dos Recreios** continua a apresentar-nos trabalhos de primeira ordem por uma das melhores e mais bem organisadas companhias, o que constitue mais uma affirmação do grande valor do seu intelligente e arrojado empresario, commendador Antonio Santos.



D. Isabel Fragoso

ninho de arte com todos os confortos e luxo modernos, gastando bizarramente para proporcionar aos frequentadores do nosso primeiro teatro todos os gozos e todas as commodidades, illuminando-o deslumbrantemente, proporciona-nos enfim a arrojada empreza o prazer verdadeiramente artistico de podermos apreciar n'uma só época tres companhias lyricas, franceza, italiana e allemã, com os melhores artistas contratados por Freitas Brito, o antigo empresario, conhecido no nosso paiz como ninguem, de assumptos d' este genero.

Vamos pois ter uma época lyrica brilhante que nos compensará da sornice e banalidade das anteriores.

D. Maria. N'esta época, apenas começada ha dias, já a empreza nos deu uma peça nova *A perola preta* de Sardou, e continúa com a *reprise* de peças applaudidas a chamar bastante concorrência.

A Trindade vae este anno ser frequentada por um publico especial que não deixará de coadjuvar o patriotico empreendimento de Alfonso Taveira que se não tem poupado a esforços para organizar uma companhia lyrica que nos fará ouvir em portuguez as principaes operas do repertorio moderno.

O concerto offerecido á imprensa para apresentação dos principaes cantores, da orchestra e do corpo coral, foi um verdadeiro triumpho para os artistas e para o empresario.

A orchestra, dirigida por Luiz Filgueiras, houve-se magistralmente em todos os trechos, conquistando os maiores applausos especialmente na execução da symphonia do *Guarany*.

Delphina Victor, que cantou o *Rataplan* da *Força do Destino* e a aria da *Gioconda*, é uma artista que se sente á vontade e como que segura dos applausos que merece. A sua voz bem timbrada e har-



Mauricio Bensaude

Villa Fernando

ALEMTEJO

Na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, nota o visitante, ao percorrer o Pavilhão Manuelino, entre installações luxuosas de productos portuguezes, o que quer que seja que resalta pela sua simplicidade: um conjuncto modesto de artefactos e de productos enviados pela *Colonia Agricola Correccional de Villa Fernando*, estabelecimento utilissimo creado por carta de lei de 22 de junho de 1880 e que funciona desde outubro de 1895, albergando

«Em 1893 o Sr. Antonio Dias Garcia fundou esta importante casa importadora, que occupa os predios ns. 19 e 21 da rua General Camara, e possuindo, além d'isto, quatro depositos nos seguintes pontos: rua do Cotovello n. 16, travessa do Paço n. 26, travessa da Fidalga n. 3 e largo de Santa Rita n. 24.

Já por ahí se vê o movimento dessa firma, obrigada a desenvolver extraordinaria actividade para attender á somma de alfazeres commerciaes que reclamam a attenção de seus socios solidarios. De facto, trata-se de uma casa feita no conceito do commercio do paiz e do estrangeiro com que ella negocia, podendo-se dizer que, só á custa de incansaveis esforços e de uma honestidade incontestavel, chegou ao resultado actual, expresso na mais lisongeira situação economica que se póde desejar. A firma Dias Garcia & C. é uma das maiores importadoras da nossa praça em artigos de ferragens, tin-

VILLA FERNANDO



Exposição da colonia agricola correccional

actualmente em media, 230 menores. Os resultados praticos d'este regimen correccional ao ar livre, que é o fundamento d'esta instituição, fizeram-se logo sentir, transformando vadios e delinquentes em homens honestos e trabalhadores.

Além do amanho dos 800 hectares de terreno annexo ao estabelecimento, todo feito pelos internados, ministra-se-lhes educação litteraria e profissional, sendo surprehendentes os progressos obtidos, como se avalia pela exposição agora apresentada, e que reproduzimos pallidamente na gravura que acompanha estas linhas, e que bem merece um logar áparte no *Brasil Portugal*.

Commercio do Rio de Janeiro

Para que se avalie da importancia da casa Dias Garcia & C.^a, que hoje annuncia pela primeira vez no *Brasil Portugal*, transcrevemos aqui o pequeno artigo que o grande periodico fluminensé *Jornal do Commercio*, publicou ha pouco ainda:

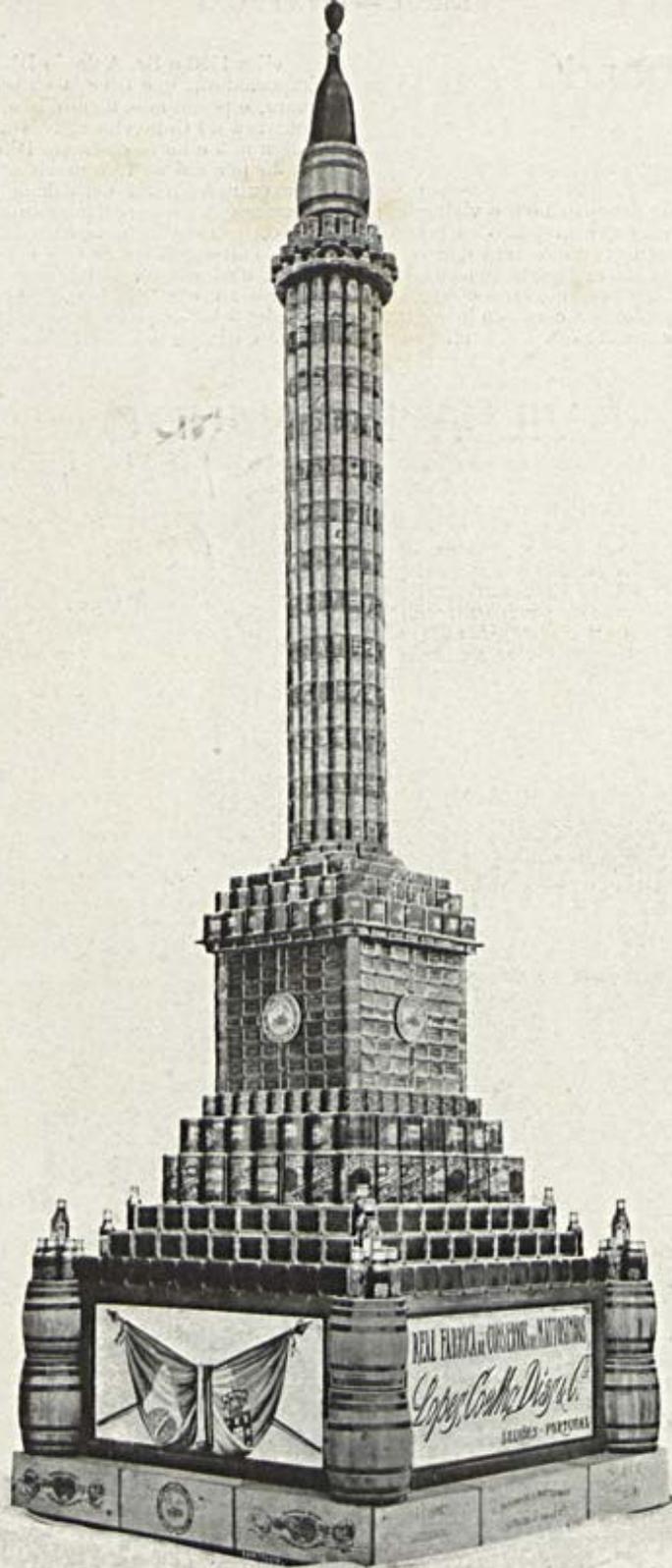
tas, louças de ferro, oleos, cimento, canos de ferro e chumbo para agua e gaz, telhas zincadas, arame farpado e liso, carbureto de calcio para gaz acetyleno, material para estradas de ferro, etc. São tambem os Srs. Dias Garcia & C. os depositarios da *Formicida Pestana*, do coalho para leite e agentes da dynamite «Stygia».

Nessa casa se encontra ainda grande variedade e consideravel stock de artigos para a lavoura e outros semelhantes para diversos mistéres e profissões de arte.

Foi essa acreditada firma que forneceu em grande parte, em maxima parte mesmo, os materiaes necessarios á construcção dos bellos palacetes e soberbos pavilhões da Exposição Nacional, achando-se sempre habilitada para servir aos pedidos constantes e diariamente renovados de materiaes de toda a especie. Não fosse assim, não seria possivel tudo ultimar no curto prazo em que foi edificado aquelle conjunto de incomparavel belleza architectonica, que é o maior padrão de gloria da engenharia brasileira.

Procurando a casa Dias Garcia & C., andou a comissão constructura da Exposição com revelado criterio, sendo sempre servida no minimo espaço de tempo com irreprehensivel correcção e extremado zelo.

A' acreditada firma importadora e depositaria de todos os generos do paiz, extendemos os nossos parabens pelo exito brilhante da Exposição, desejando que continue a contribuir para a manutenção incolume dos credits tradicionaes do commercio do Rio de Janeiro.»



Mostruario de conservas

DE

LOPES, COELHO DIAS & C.ª Lda.

PROPRIETARIOS

DA

Real Fabrica de Conservas de Mattozinhos

A nossa gravura representa um curioso mostruario, todo construido com latas, barris, frascos e caixas, contendo os productos da Real Fabrica de Conservas de Mattozinhos, a unica fabrica d'este genero no nosso paiz que tem concorrido ás mais importantes exposições estrangeiras, successivamente alcançando diversas medalhas e diplomas que muito honram os seus proprietarios. Assim em 1904 obtinham uma medalha d'ouro, um Grande Diploma de Honra e um Grand Prix - em 1907 uma medalha de prata, um Grande Diploma de Honra e finalmente a nomeação honrosa de membros do jury na Exposição Internacional que n'esse mesmo anno se realisou em Madrid. Pena foi que o mostruario cuja gravura damos, não podesse, devido a sua altura de 7^m 50, figurar na actual Exposição Nacional do Brasil, onde de certo os patrioticos industriaes obteriam: uma das maiores recompensas.